**Gênero e educação: experiência no PIBID História do campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco.**

Gabriela Maria Santos Soares[[1]](#footnote-2)

Emanuelle Luiza de Oliveira Ferreira[[2]](#footnote-3)

Janaina Guimarães da Fonseca e Silva[[3]](#footnote-4)

Jandeck Barbosa da Silva Júnior[[4]](#footnote-5)

**Resumo**

A partir do tema “A exclusão das mulheres na história”, o PIBID História do campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco, trabalhou desde a história das mulheres, ao conceito de gênero e suas relações. Neste artigo, procuramos conceituar gênero enquanto uma categoria de análise a partir de um estudo histórico sobre as mulheres, entendendo a importância de sua discussão dentro das escolas e na formação desses futuros docentes em História. Posteriormente, iremos apresentar relatos de experiências referente às oficinas desenvolvidas pelo PIBID História.

Palavras Chave: PIBID, Gênero, Educação, História.

**INTRODUÇÃO**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um projeto de esfera federal administrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa proporcionar as/os estudantes de licenciatura um primeiro contato com a sala de aula. O PIBID História do *campus* Mata Norte da Universidade de Pernambuco teve como temática no primeiro semestre de 2019 “A exclusão das mulheres da história”. A partir desse tema, foi possível trabalhar desde a história das mulheres, fazendo uma análise juntamente aos alunos e alunas a partir de seus livros didáticos, ao conceito de gênero e suas relações. Neste artigo, procuramos conceituar gênero enquanto uma categoria de análise a partir de um estudo histórico sobre as mulheres, entendendo a importância de sua discussão dentro das escolas e na formação desses futuros docentes em história.

O PIBID tornou-se um espaço de exercício entre as relações de teoria e prática na docência. As/os bolsistas passam a adquirir uma formação mais crítica e reflexiva, visto que não há disciplinas obrigatórias que discutam relações de gênero dentro dos cursos de história em Pernambuco e nas escolas. A partir de práticas pedagógicas desenvolvidas pelos alunos e alunas bolsistas, as oficinas são levadas para as escolas de diversas formas, obtendo resultados através das discussões bastante proveitosos que serão apresentadas posteriormente.

As escolas muitas vezes ainda não conseguem diversificar seus meios para contemplar o novo público que vem ingressando com base na expansão da escolarização no Brasil a partir dos anos 1990. É importante refletir através das práticas do PIBID sobre o papel de uma educação mais inclusiva, que possa desenvolver práticas que diminuam as desigualdades presentes.

Não podemos pensar que apenas a escola atue na docilização dos corpos e na formação de indivíduos/as, ela também está emaranhada na teia de micropoderes que envolve a sociedade. É um espaço usado e envolvido pelo poder disciplinar como as demais instituições sociais, que são perpassadas por discursos que tentam internalizar valores morais e condutas para cada pessoa. (BENTO, FÉLIX-SILVA, 2015. p. 24)

Atualmente, a educação brasileira enxerga as temáticas referentes às questões de gênero como transversais. Segundo José Alves de Freitas Neto (2010, p. 59), após observações de especialistas de diversas áreas de ensino sobre a realidade da escola brasileira, constatou-se a necessidade de inclusão de temas que discutem as questões presentes do cotidiano e, que abrangem a demanda da diversidade social existente no país. Foram definidos cinco temas transversais: ética, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual (as questões de gênero são apresentadas nesta pasta) e meio ambiente. Esses temas se encontram nas PCNs, que norteiam as/os professoras/os na elaboração de programas e conteúdos para a sala de aula.

Entretanto, nota-se grande dificuldade por parte das professoras e professores no ensino de temas transversais, justamente pela ausência dessas temáticas em sua formação. É importante ressaltar, que os temas transversais não buscam substituir as atuais disciplinas, mas sim incorporar nelas as atuais necessidades sociais, portanto:

Deve-se buscar uma transformação pedagógica onde o papel do professor supere a compreensão e a prática sobre sua disciplina, abrangendo uma reflexão sobre os conteúdos e valores a ele associados, ampliando a responsabilidade do educador com a formação dos alunos. Ou seja, com base nos temas transversais propostos e na necessidade de cada realidade escolar, o professor deve aproximar seus conteúdos e sua prática escolar para o desenvolvimento da capacidade de o aluno ler e interpretar a realidade, contextualizando-a, aprendendo a aprender. (NETO, 2010, p. 62)

Desse modo, o PIBID de história do campus Mata Norte, por meio de oficinas, procurou primeiramente entender qual era a realidade dessas/es estudantes, para partir de análises de livros didáticos das escolas, expor narrativas que apresentavam as mulheres como protagonistas e participantes ativas dos momentos históricos estudados em sala, além de refletirem e problematizar acerca das relações de gênero. Através da observação desses livros didáticos com os alunos e alunas, podemos perceber que essas mulheres não estão presentes, e quando aparecem, nunca é enquanto sujeito da história. É necessário pensar uma nova forma de fazer história, incluindo todas as ditas minorias (em direitos), como mulheres, negros, crianças. É nesse sentido que esse artigo se firma, buscando demonstrar as possibilidades de um ensino de História mais inclusiva, nesse caso referente especialmente as temáticas sobre as questões de gênero.

**METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste artigo, buscamos priorizar a apresentação e análise dos trabalhos desenvolvidos pelas pibidianas e pibidianos do curso de História na UPE *campus* Mata Norte, a partir de nossas experiências em sala de aula, bem como fizemos uso das leituras propostas ao longo do programa para o aditamento do mesmo.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo a definição de gênero proposta por Joan Scott, caracteriza-se enquanto ‘’elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [e] um primeiro modo de dar significado às relações de poder’’ (SCOTT, 1990, p. 14). Assim, entendemos gênero enquanto construção social a partir de corpos sexuados. Os estereótipos dessas relações aparecem mesmo antes do nascimento da criança, através da definição de cores, roupas, brinquedos, e já se manifestam também nas escolas desde as primeiras séries.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1990, p.7)

A partir dessas relações teremos as definições sobre feminilidade e masculinidade que são impostas aos indivíduos, que se difere de acordo com a cultura e o que é socialmente imposto. Porém, é necessário compreender que essas definições de gênero carregam consigo diversas crenças que legitimam a superioridade de um sexo sobre o outro, no nosso caso, o masculino sobre o feminino, onde é naturalizado e justificado uma série de violências. Por conseguinte, para esse artigo, temos a definição de Joan Scott como referencial:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1990, p.21)

Como afirmado acima, as relações de gênero estão marcadas pelas relações de poder, existem através de uma hierarquia estabelecida através dos estereótipos de gênero sobre os corpos. Essas relações são evidentes no patrimônio cultural produzido pela sociedade, seja nas músicas, nos filmes, nos livros ou na história. Estão marcadas por desigualdades, as mulheres são privadas de diversas atividades apenas por serem mulheres, além da naturalização de violências contra as mesmas, que pode resulta no feminicídio[[5]](#footnote-6). Portanto, como afirma Maria Eulina Pessoa de Carvalho,

As relações de gênero implicam desigualdade e dominação: inscrevem-se em relações de poder em que “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas” (BOURDIEU, 1999, p.23) integram um complexo sistema de dominação masculina, fortemente institucionalizado e internalizado, e estruturam todos os aspectos de vida social, expressando-se na cultura, ideologia, violência, sexualidade, reprodução, divisão do trabalho, organização do estado e nas práticas discursivas. (2003, p.60)

Todas essas construções precisam ser analisadas e discutidas principalmente em âmbito educacional. Desse modo, o PIBID História do campus Mata Norte nasce enquanto oportunidade de trazer discussões como essas a tona. Vale ressaltar que o programa é executado em escolas de ensino básico do interior do Estado de Pernambuco. Logo, consegue proporcionar conhecimentos sobre as questões de gênero, tanto para as/os bolsistas/os do ensino superior quanto para as/os estudantes do ensino básico.

Apesar da dificuldade de adentrar no interior de muitas escolas apresentando discussões diferentes do cotidiano dos alunos e alunas, é importante lembrarmos que ‘’a escola edificada como um lugar da ‘’racionalidade’’ e formação de sujeitos morais, significa muito mais um lugar de sociabilidades diversas, de reflexões, e também de sensações, emoções, (cri)atividades e subjetividades’’. (BENTO, FÉLIX-SILVA, 2015. p. 23). Portanto, segundo Louro (1997) entendemos que a escola não se trata de um mecanismo neutro na construção de indivíduos; seus códigos são construídos demarcando lugares e modelos próprios para cada indivíduo. Reforçando muitas vezes estereótipos e lugares destinados a homens e mulheres na sociedade.

[...] A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. [...] aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos [...] (LOURO, 1997, p. 58 Apud LEAL; OLIVEIRA, 2015, p. 22). Entendemos a escola como uma instituição que faz parte da construção social, como uma das instâncias autorizadas a formar e também a produzir, os corpos e os papéis dos sujeitos “tal como ele deve ser” (MEYER; DORNELLES, 2013, p. 45).

Sobretudo, tendo em vista que escola e sociedade estão totalmente interligadas, a partir da perpetuação de práticas que muitas vezes são naturalizadas em nossa cultura, como por exemplo, o machismo, a misoginia, racismo e as desigualdades sociais, é de extrema importância o papel da mesma no desenvolvimento de práticas que possam diminuir desigualdades existentes através de uma educação mais emancipatória, mesmo que ainda haja um embate quanto às discussões de determinadas temáticas no interior das escolas. Visto que Perrenoud em seu livro ‘’Escola e Cidadania’’, nos traz que “ensinar, no fundo, é ensinar-se; uma sociedade que não ensina é uma sociedade que não se ama, que não se estima [...]"

Atentamos para o fato de que a exclusão de determinados conteúdos discursivos na escola não partem apenas da representação administrativa institucional, mas das microrrelações presentes naquele espaço, inclusive, entre docentes , discentes, família e funcionários em geral da escola. Nesse sentido, constatamos que os temas transversais sobre gênero e sobre sexualidade quase nunca são analisados na escola e quando analisados por algum/a docente, sempre surgem comentários do tipo: ‘’já estão querendo incitar os/as jovens a ‘virarem gays’ ou ‘’agora não existe mais mulher nem homem, é tudo igual, é tudo a mesma coisa’’. Desse modo, parece até impossível fugir da naturalização dos papéis de gênero e das orientações sexuais […] (BENTO, FÉLIX-SILVA, 2015. p. 33)

O PIBID assume um papel importantíssimo na discussão da temática gênero nas escolas. Com o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014/2024, vemos os discursos contra a discussão dessas temáticas se acirrando, sobretudo manifestações vindas das bancadas fundamentalistas cristãs no congresso, onde por diversas vezes se manifestaram para a exclusão dos estudos de gênero dentro das escolas.

Sobretudo, é necessário estarmos no interior das escolas para analisarmos como as relações de gênero são construídas e relatar algumas experiências se torna de extrema importância: Na Escola Municipal Maria Anunciada Pinheiro Dias, localizada no Município de Carpina, Estado de Pernambuco, na turma do 9º ano do fundamental II, a primeira oficina realizada foi uma atividade de sondagem. Onde através de retratos femininos, buscamos entender qual era a opinião das alunas e alunos, acerca daquelas imagens, para assim poder elaborar as próximas abordagens. Sendo assim, apresentamos imagens de representações femininas de diversos tipos, mulheres famosas em suas áreas profissionais, como jogadora de futebol, arbitra, lutadora de MMA, delegada, jornalista, atrizes e modelos, também apresentamos imagens de famílias compostas apenas pelas mães.

Com as imagens apresentadas no recurso multimidia (datashow), as pibidianas e os pibidianos conduziram a discussão, pedindo para que as alunas e alunos expressassem suas opiniões, haja vista que a atividade era de sondagem, precisamos entender a mentalidade das/dos discentes inicialmente. De modo geral, não faltaram comentários desagradáveis, de cunho sexual por parte dos alunos, e diversas falas sexistas. De forma mais específica, quando expostas a imagem de uma atriz que tinha pelos na região das axilas, a maioria da turma, meninas e meninos, disseram que isso era algo anti-higiênico, e apresentaram discursos contrários. Nas imagens que apresentavam uma delegada e uma jornalista, os discursos foram mais positivos, talvez pela popularidade das profissionais em questão, as alunas afirmaram que se sentiram representadas pelas mesmas.

Na exposição de imagens produzidas pela cartunista Carol Rossetti, que trabalha justamente com desconstrução de estereótipos femininos, uma imagem afirmava que cabelos curtos nas mulheres não indicava orientação sexual alguma, e outra que não havia problema no não uso do sutiã. Nessa primeira imagem, uma aluna afirmou que gostaria muito de cortar os seus os cabelos mais curtos, porém sua mãe não permitia, justamente devido a estereótipos de que apenas mulheres lésbicas que teriam o cabelo assim. Já sobre a segunda imagem, a turma afirmou que o não uso do sutiã é algo feio para as mulheres.

Quando apresentado imagens de mulheres se maquiando, uma aluna disse que não gosta da imposição por parte da mãe para que ela use maquiagem, pois a mesma não apresenta simpatia pelo uso. Ao expor as imagens de mulheres mães com seus filhos, com a frase “Família tradicional brasileira” as/os estudantes, logo demonstraram aversão afirmando que estava faltando a representação masculina. Porém perguntamos a turma quantos que em casa tinham a figura do pai presente e apenas alguns levantaram as mãos, ou seja a maioria das/os alunas/os, são criados por mães, avós, tias, irmãs. Com isso mostramos os dados que maioria das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, a realidade da turma, refletia exatamente esses dados.

Ao longo do desenvolvimento da oficina, as pibidianas e pibidianos tentaram interpretar os comentários com o auxílio do professor supervisor, mostrando aos alunos as problemáticas de seus discursos, porém, como se tratava de oficina de sondagem, nos mantivemos a escutar, para apenas entender a mentalidades dessas/es discentes, para assim elaborar as próximas abordagens adaptadas às necessidades delas/es.

Através dessa primeira oficina relacionada a essa temática, podemos constatar a urgência de se trabalhar esse tema. Pode-se identificar entre algumas a alunas, a insatisfação diante desses estereótipos reforçados até mesmo pelas próprias mães. Diante disso, nessa mesma escola entre as outras oficinas aplicadas posteriormente, nesse momento iremos dar destaque, a atividade realizada na turma do 8º ano do ensino fundamental II, cujo objetivo foi expor o curta brasileiro “Acorda Raimundo... Acorda” produzido no ano de 1990, dirigido por Alfredo Alves, para assim problematizar junto com os discentes as relações de gênero. Esse curta-metragem apresenta o cotidiano do casal Marta e Raimundo em um mundo “inverso”, pois, os papéis considerados hoje como “masculinos”, estavam atribuídos à Marta, e os “femininos” à Raimundo.

Na exibição, a turma logo ficou inquieta, demonstrando estranheza diante da narrativa, pois, para eles, algo estava errado. Pedimos então, que prestassem atenção ao curta onde no fim discutiríamos com eles os questionamentos apresentados. Na discussão as meninas demonstravam mais interesse em comentar, falaram dos seus cotidianos, e os das suas mães. Comentaram que a assim como no filme a realidade atual poderia ser bem diferente se os papéis fossem de fato “invertido”. No entanto, na opinião delas o ideal não seria a “inversão”, mas sim uma igualdade entre as mulheres e homens.

Nessa mesma turma, em uma oportunidade posterior, analisamos o seu livro didático referente à disciplina de História, para que pudéssemos preparar uma oficina com o tema tratado no momento pelo professor, onde abrangesse a história das mulheres. O livro didático que está em uso nesta turma, no ultimo quinquênio (2014-2019), é denominado “Projeto Araribá: história” tem a Editora Moderna como organizadora, sob a responsabilidade de edição de Maria Raquel Apolinário. Este livro está dividido em nove unidades com cerca de 3 á 5 temas cada. Nesse caso o tema que estava sendo trabalhado naquele dado instante, era a “Revolução industrial na Inglaterra” que se encontrava na terceira unidade.

Através da análise constatamos que nessa unidade inicia-se retratando o pioneirismo inglês, ressaltando o poderio da Inglaterra, desde as primeiras partes do livro, é aqui a primeira vez que ser ver o nome de uma mulher, a rainha Elizabeth I (1558- 1603), expõe em letras pequenas em uma linha do tempo que a mesma promoveu o crescimento agrícola e manufatureiro, expandiu a indústria naval e ampliou a atuação no comércio exterior. Porém vale salientar que a rainha Elizabeth I (1558- 1603) não é a protagonista do tema. É mostrada então uma imagem de mulheres trabalhando na manufatura de linho, e outra de mulheres trabalhando em uma indústria de tecidos de algodão, entretanto no corpo do texto não se explica as imagens, nem como era a situação dessas mulheres. Passa então a abordar o cotidiano do mundo industrializado, a mudança que a indústria causou na sociedade, a literatura da época, a luta operária e a organização sindical, e do trabalho infantil, novamente não há menção às mulheres.

Mediante à análise, construímos uma oficina cujo objetivo foi de retratar a utilização da mão de obra feminina nas indústrias do século XVIII, expor aos discentes a condição das mulheres durante a revolução industrial e comparar a situação nos parâmetros profissionais das mulheres do XXI com as do século XVIII fazendo com que as alunas e alunos compreendam os avanços entretanto que ficassem ciente que ainda não há a igualdade de gênero nessa questão. A metodologia usada foi a exposição de imagens das mulheres durante a revolução industrial, e noticias sobre a atual situação das mesmas, através do recurso multimídia (datashow). As bolsistas e bolsistas conduziram o desenvolvimento da atividade junto com o auxílio do supervisor.

Evidenciamos para as alunas e alunos que a contração das mulheres pelas fábricas foi devido ao interesses dos proprietários de obter mão de obra barata, pois as mulheres recebiam 60% menos que os homens, exercendo a mesma função, haja vista que não regulamentação do trabalho, essas trabalhavam condições insalubres, sofrendo espaçamento e humilhações, com carga horária de até 17 horas (BOTTINI, 2013), a entrada das mulheres nas fábricas não resultou da divisão das atividades domésticas para ambos os gêneros com isso se deu início a dupla jornada de trabalho que é algo que reverbera até os dias atuais. Segundo os dados do IBGE, expostos, atualmente as mulheres apresentam um nível educacional mais alto que os homens, porém recebem em média 76,5% menos em comparação ao rendimento dos homens. Por se tratar de uma oficina expositiva, a participação do alunado foi mínima em comparação às outras duas atividades informadas acima.

Através dessas oficinas se foi possível levar para as/os estudantes do ensino básico conteúdos nos quais elas/es não estudam no dia-a-dia. De modo geral, as/os estudantes receberam muito bem as/os bolsistas, assim como a coordenação da escola, e o corpo docente, sendo toda experiência de grande aprendizado.

É importante ressaltar, que o PIBID trata-se de um programa de formação continuada, pois, além de proporcionar o primeiro contato com a sala de aula para as/os estudantes do ensino superior e levar temas como as questões de gênero, que como vimos é um assunto bastante pertinente, o programa é capaz de mostrar outras perspectivas para as/os futuras/os professoras/es, considerando que na elaboração das abordagens há leituras e pesquisas sobre as temáticas tratadas, que não estão inseridas no currículo de formação. Ou seja, essas/es as/os futuras/os docentes poderão oferecer a suas alunas e seus alunos aulas História mais inclusivas. Portanto,

Capacitar os estudantes para perceber a historicidades de concepções, mentalidades, práticas e formas de relações sociais é justamente uma das principais funções das aulas de História. Ao observar que as idéias a respeito do que é “ser homem” e “ser mulher”, os papéis considerados femininos e os masculinos ou a condição das mulheres, por exemplo, foram se transformando ao longo da história (como e por que), os alunos passam a ter uma visão mais crítica de suas próprias concepções, bem como das regras sociais e verdades apresentadas como absolutas e definitivas no que diz respeito às relações de gênero. (PINSKY, 2018, 32-33)

Na citação acima entendemos como “estudantes” tanto o alunado do ensino superior como o do ensino básico, dado que ambos entram em um sistema de troca de saberes. Pois, como já foi dito *as pibidianas* e *os pibidianos* para elaboração das abordagens precisam se preparar teoricamente, assim através de leituras orientadas pela coordenadora, é possível trazer para realidade desses discentes as questões de gênero com responsabilidades. Visto que, nos últimos anos o termo “ideologia de gênero” se disseminou no Brasil e no mundo, propagando uma teoria totalmente errada sobre o que se trata de fato o termo “gênero”, nessa perspectiva sem pormenorizar,

O espectro “ideologia de gênero” delimita um campo discursivo de ação que podemos reconhecer como unindo imaginariamente uma suposta ameaça de retorno do comunismo ao pensamento acadêmico feminista estabelecendo um enquadramento da política em torno do medo de mudanças na ordem das relações entre homens e mulheres e, sobretudo, da extensão de direitos a homossexuais. Discussões macropolíticas são substituídas por uma retórica que traz à opinião pública o diagnóstico de que a origem de problemas sociais resulta de mudanças comportamentais que precisariam ser combatidas. (MISKOLCI, 2018, p.7.)

Desse modo, tratar dessa temática tanto no ensino superior como no ensino básico, é de suma importância, pois, auxilia ao combate desses falsos conceitos. Assim o PIBID História do campus Mata Norte, foi capaz de gerar um ambiente saudável para a produção dessas discussões, introduzindo uma formação mais qualificada para essas/es futuras/os docentes. Da mesma forma que consegue aproximar as/os estudantes universidade com a realidade das escolas, gerando sujeitas(os) mais conscientes de sua futura profissão.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desse artigo foi expor as experiências proporcionadas pelo PIBID História do campus Mata Norte, ressaltando a sua importância enquanto programa de iniciação à docência. Igualmente, buscamos compreender o conceito de gênero e suas relações, valorizando o ensino dessas temáticas na educação, tanto no ensino básico como no superior. Entendemos que esses assuntos ainda são vistos como extracurriculares, no entanto, defendemos que práticas como essas desenvolvidas pelo PIBID, possa existir de forma natural, pois como afirma Alexandre Bortolini (2011, p. 31), a escola deve ser vista como uma arena cultural, um lugar de confrontos e diálogos, pois é formada por sujeitos distintos com grande diversidade de significados, de mundo, sexualidade e gênero. Portanto, a escola e o ensino superior devem ser capazes de atender a essas demandas sociais.

**REFERÊNCIAS**

BENTO, Berenice. **Desfazendo gênero: educação da diferença, masculinidades, feminismos e literatura**/ organizadores: Berenice Bento, Antônio Vladimir Félix Silva. – Natal, RN: EDUFRN, 2015.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. Contexto. São Paulo, 2003.

BORTOLINI, A. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, nº123, ano XI-Dossiê: Homofobia, sexualidade e direito, p. 27-37, ago. 2011.

BOTTINI, Lucia Mamus. **O trabalho da mulher nas fábricas durante a revolução industrial, na Inglaterra de 1780 a 1850.** Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor: Produções Didático-Pedagógicas. 2013. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\_pde/2013/2013\_fafipa\_hist\_pdp\_lucia\_mamus\_bottini.pdf.> Acesso em: 09 jun de 2019

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **O que essa história tem a ver com as relações de gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação docente**. In: CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de, PEREIRA, Maria Zuleide da Costa (Org). Gênero e Educação: múltiplas faces. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 2003.

CARVALHO, Maria Eulina P. de. PEREIRA, Maria Zuleide da C. (org.) **Gênero e educação: múltiplas faces.** João Pessoa, PB. Editora Universitária, 2003.

INSTITUTO Patrícia Galvão. **Dossiê Violência contra as Mulheres: Feminicídio.** Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/#feminici­dio-o-que-e > Acesso em: 19 out de 2019.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições**. v. 19, n. 2(56),pp. 17-23,mai/ago. 2008.

MISKOLCI, Richard. **Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à ‘’ideologia de gênero’’**. Cadernos Pagu. 2018

NETO, José Alves Freitas. **A Transversalidade e o ensino de história**. In: KARNAL, Leandro (Org). História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula.** Conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VIANNA, Cláudia. **Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 127-143, maio/ago. 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. New York, Columbia University. 1990

PERET, Eduardo. **Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem.** Agência IBGE Noticias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem > Acesso em: 09 jun de 2019

PINSKY, Carla Bassanezi. **Gênero**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Novos temas nas aulas de História – 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PROJETO Araribá: história/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Maria Raquel Apolinário. 4. Ed.- São Paulo: Moderna, 2014.

1. Bolsista do PIBID História. Graduanda de licenciatura em História, Universidade de Pernambuco *campus* Mata Norte. Email: gabimariass@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
2. Bolsista do PIBID História. Graduanda de licenciatura em História, Universidade de Pernambuco *campus* Mata Norte. Email: emanuelleluiza01@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
3. Coordenadora do PIBID História. Doutora em História/Universidade federal de Pernambuco, Universidade de Pernambuco *campus* Mata Norte. Email: guimaraes.janaina@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)
4. Supervisor do PIBID História. Graduado em licenciatura em História/ Fundação de Ensino Superior de Olinda, Escola Municipal Maria Anunciada Pinheiro Dias. Email: jandeckjr@hotmail.com [↑](#footnote-ref-5)
5. De acordo com Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher “o feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante.” (Relatório Final, CPMI-VCM, 2013) Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/#feminici­dio-o-que-e> Acesso em: 19 out de 2019. [↑](#footnote-ref-6)